



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CERRO LARGO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS: PORTUGUÊS E ESPANHOL -
LICENCIATURA

VILMAR MASSULINI JÚNIOR

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM LETRAS MUSICAIS BRASILEIRAS

CERRO LARGO/RS

2019

VILMAR MASSULINI JÚNIOR

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM LETRAS MUSICAIS BRASILEIRAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português/Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus* Cerro Largo/RS, como requisito parcial para aprovação no Componente Curricular de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora: Ana Cecília Teixeira Gonçalves.

Cerro Largo
2019

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Massulini Junior, Vilmar

A representação da mulher em letras musicais
brasileiras / Vilmar Massulini Junior. -- 2019.
28 f.

Orientadora: Doutora Ana Cecília Gonçalves Teixeira.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Letras-Português e Espanhol-Licenciatura, Cerro Largo,
RS , 2019.

1. A representação da mulher em letras musicais
brasileiras. I. Teixeira, Ana Cecília Gonçalves, orient.
II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

VILMAR MASSULINI JÚNIOR

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM LETRAS MUSICAIS BRASILEIRAS

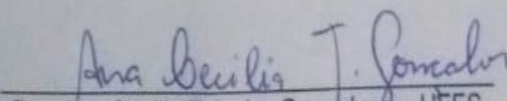
Trabalho de conclusão do curso de graduação apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras: Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul.

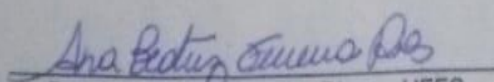
Orientadora: Dra. Ana Cecilia Teixeira Gonçalves

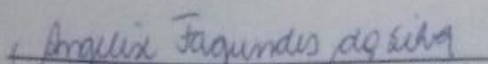
Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

28 / 06 / 2019

BANCA EXAMINADORA


Dra. Ana Cecilia Teixeira Gonçalves – UFFS
(Presidente/Orientador)


Dra. Ana Beatriz Ferreira Dias – UFFS


Dra. Angelise Fagundes da Silva – UFFS

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo analisar algumas letras musicais com conteúdo predominantemente machista, procurando compreender qual é o papel da figura feminina representada nesse contexto. Dessa maneira, essa pesquisa abordou alguns conceitos ainda considerados “tabus” que, embora enraizados em nossa cultura, ainda não são discutidos com clareza e de forma aberta, como feminismo, machismo e patriarcado. Em vista disso, esse trabalho procurou responder à questão de como é feita a representação das mulheres nas letras musicais brasileiras, por meio de análise de alguns materiais. Podemos observar, ao longo da realização desse trabalho, que a mulher é repetidamente representada por meio de estereótipos machistas e patriarcais, existindo dois papéis sociais preexistentes nos quais mulheres e homens devem se encaixar, sendo a mulher uma boa esposa, mãe e dona de casa fiel, enquanto o homem deve ser o chefe de família, provedor e protetor do lar.

PALAVRAS-CHAVE: Letras musicais. Representação. Mulher.

ABSTRACT

The goal of this work is to analyze some musical lyrics with predominantly “Male chauvinism”, trying to understand the role of the female figure represented in this context. This research approached some concepts still considered "taboos" that, although rooted in our culture, are still not discussed clearly and openly, as feminism, “male chauvinism” and patriarchy. This work also wants to answer the question of how the representation of women in Brazilian musical lyrics is made, through the analysis of some songs and lyrics. Throughout this work, we can observe that women are represented repeatedly by “male chauvinism” and patriarchal stereotypes, there are two preexisting social roles in which women and men must fit in, and the woman is a good wife, mother and mistress of a faithful house, while the man should be the head of the family, provider and protector of the home.

KEY-WORDS: Musical lyrics. Representation. Woman.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	5
2 AS MÚSICAS E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER.....	9
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	13
4 UM NOVO OLHAR SOBRE AS LETRAS MUSICAIS: ANÁLISE DO MATERIAL.....	14
5 CONCLUSÃO.....	20
REFERÊNCIAS.....	21
ANEXO A.....	22
ANEXO B.....	23
ANEXO C.....	24

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve por objetivo analisar algumas letras musicais com conteúdo predominantemente machista, procurando compreender qual é o papel da figura feminina representada nesse contexto.

Sendo a música uma forma de entretenimento e lazer presente na vida da maioria dos brasileiros, realizar um trabalho que vise desmistificar a forma como a mulher é representada é de extrema importância, pois levantar essa discussão no âmbito acadêmico pode ser de grande valia para formação individual e social dos envolvidos.

Dessa maneira, essa pesquisa abordou alguns conceitos ainda considerados “tabus” que, embora enraizados em nossa cultura, ainda não são discutidos com clareza e de forma aberta, como feminismo, machismo e patriarcado.

Em vista disso, esse trabalho procurou responder à questão de como é feita a representação das mulheres nas letras musicais brasileiras, por meio de análise de alguns materiais. A sociedade seria, nesse contexto, um fator influenciador para como as mulheres são vistas? Tentamos verificar então, por meio da análise linguística, qual é a representação social sobre as mulheres que são disseminadas por algumas letras musicais, considerando as diferenças de gênero subordinadas aos processos sociais.

Também buscamos compreender os contextos históricos que contribuíram para formação dessa visão de mulher representada nas letras musicais e analisar de que modo a sociedade influencia na construção da representação das mulheres no cenário musical. Com isso, pretendemos propiciar uma conscientização sobre gêneros e papéis sociais historicamente atribuídos a mulheres e homens.

A mulher é figura presente nas temáticas musicais, principalmente em músicas de cantores e grupos masculinos. Como ela é ou foi representada é uma questão muito polêmica, visto que vivemos em uma sociedade machista e patriarcal, assim, o que poderia ser visto como algo natural e normal há alguns anos, hoje deve ser revisto e analisado de forma crítica.

Nessa perspectiva, é importante destacarmos que esse trabalho também buscou compreender as diferenciações de gêneros na sociedade, pois acreditamos que, de determinada maneira, é naturalizada a superioridade masculina sobre a feminina. Segundo Pires (1999, p. 3),

Como reflexo das relações sociais, o uso da linguagem vai institucionalizar o que chamamos - por extensão às relações sociais de gênero - discurso de gênero que normatiza lingüisticamente a representação das relações sócio-culturais de dominação [...] Pretendeu-se evidenciar, naquele momento, que as distinções entre o feminino e o masculino eram forjadas pelos indivíduos em sociedade, isto é, pela própria estrutura social; enquanto que o termo sexo remetia à condição biológica, natural do ser humano, o que reforçava a naturalização das desigualdades entre mulheres e homens.

As desigualdades entre mulheres e homens são naturalizadas pelo ser humano desde os primórdios de sua existência. Essa diferenciação é tão enraizada que se torna difícil percebê-la, por exemplo, em uma letra musical.

Para iniciar qualquer tipo de análise que entre em confronto com assuntos de cunho social, como é a questão da representação da figura feminina, é preciso compreendermos alguns conceitos que estão enraizados na cultura do nosso país, entre eles, os conceitos de patriarcado, machismo e também o conceito de feminismo que, muitas vezes, é confundido como um antônimo de machismo.

Millet (1969, p. 58) vai conceituar patriarcado da seguinte forma:

Patriarcado pode ser entendido como uma instituição social que se caracteriza pela dominação masculina nas sociedades contemporâneas em várias instituições sejam elas políticas, econômicas, sociais ou familiares. É uma forma de valorização do poder dos homens sobre as mulheres que repousa mais nas diferenças culturais presentes nas ideias e práticas que lhe conferem valor e significado que nas diferenças biológicas entre homens e mulheres.

Dessa forma, já somos capazes de ver, com mais clareza, como esse conceito interfere em nossa análise, uma vez que compreendemos o conceito de “patriarcado” como uma forma de dominação masculina sobre a mulher.

O conceito da palavra machismo, segundo o *infopedia*, pode ser definido de algumas formas:

ma.chis.momɐ'ʃizmu

nome masculino

- 1.atitude de prepotência ou dominação do homem em relação à mulher
- 2.sexismo assente na noção de uma suposta superioridade do sexo masculino face ao feminino
- 3.doutrina que rejeita a igualdade de direitos entre homens e mulheres
- 4.condição do indivíduo que tem um orgulho exagerado na sua masculinidade

O machismo é um termo recorrente e enraizado em nossa cultura, comumente é confundido como se fosse antônimo ao feminismo, o que esclareceremos a seguir. Enquanto o feminismo busca a igualdade nas representações sociais, o machismo apenas reforça essa

divisão desigual que sempre sobrepõe o homem como uma personagem superior socialmente à mulher. Segundo Pires (2007, s./p.),

Também a figura masculina é majoritariamente representada segundo padrões conservadores e retrógrados, que tipificam o homem como o provedor da família, másculo, um ser superior. Novas contestações, no entanto, têm aparecido paulatinamente e estão sendo discutidas.

Tais padrões da figura masculina são perpetuados historicamente e hoje se tornaram discursos cristalizados do que se espera do “homem”. Poderíamos pensar, também, que o homem acaba sofrendo, de certo modo, com o machismo, pois qualquer um que fuja dessa representação máscula, conservadora, acaba por ser alvo de comentários no seu meio. Segundo Welzer-Lang (2004 apud PIRES E FERRAZ, 2008), a forma de controle social que se exerce entre os homens desde os primeiros passos de sua educação, obriga-os a ser viril, mostrarem-se superiores, fortes, competitivos, ou serão tratados como os fracos e como as mulheres.

Dessa forma, compreendemos que os homens também carregam o fardo do machismo, dos padrões de masculinidade, o que, seguidamente, pode culminar em padrões de comportamento errados quando postos em conflito com a sua relação com a figura da mulher.

Por sua vez, o termo feminismo pode ser compreendido de forma bastante equivocada por grande parte da população, pois as pessoas ainda mantêm a ideia de que, assim como o machismo, ele prega a superioridade das mulheres sobre os homens. Contrariamente, o feminismo é uma luta por igualdade; busca derrubar as desigualdades de gênero, colocando homens e mulheres nos mesmos níveis, nas diferentes esferas sociais.

O movimento feminista luta pela igualdade entre os gêneros na educação, no voto, no trabalho, na liberdade no relacionamento e na liberdade sexual, entre outros. Em vista disso, um dos objetivos do feminismo é ter uma sociedade onde o gênero não é usado para dar vantagem ou legitimar a opressão (AMORIM, 2011).

Amorim (2011) destaca que o movimento feminista começou no século XIX e foi chamado de primeira onda. Nesse momento, a luta era direcionada para questões como o direito de voto e a vida pública. Foi fundada a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, em 1922, com o propósito de defender os direitos das mulheres, tais como o voto feminino, a instituição da mulher e uma legislação reguladora do trabalho feminino que aprovasse o direito ao trabalho sem autorização do marido.

Tendo em vista os conceitos abordados inicialmente, é imprescindível analisarmos

como a mulher é/foi representada em letras musicais com conteúdo predominantemente machista. Desse modo, buscamos, por meio da leitura de textos teóricos, analisar as letras, desmitificar determinados conceitos relacionados à mulher brasileira e observar como a sociedade percebe essa construção social.

Considerando a música como uma forma de entretenimento presente na vida de muitas pessoas de diferentes faixas etárias e classes sociais, é muito interessante utilizarmos esse método como meio de iniciar determinadas discussões de cunho social, como a investigação sobre a representação da mulher brasileira.

2 AS MÚSICAS E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER

Ao propormos um trabalho que vise analisar letras musicais de conteúdo machista, é importante sabermos que esses discursos presentes nesses textos sempre responderão a algo, eles não existem isolados, sempre estarão conectados com o social. Nossos enunciados não são vazios e neutros, ao contrário, é preciso entender que cada discurso carrega uma carga de responsabilidade social. Segundo Bakhtin (1992, p. 290),

A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é preche de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: [...] o ouvinte que recebe e compreende a significação de um discurso adota simultaneamente, para com esse discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar.

Nessa perspectiva, faz-se necessário compreendermos que todos os enunciados são vivos, e cada um deles está ligado a crenças e ideologias de quem os utilizou. Desse modo, quando propomos como objetos de análise letras musicais que terão um alcance social gigantesco, buscamos ressaltar as atitudes responsivas que serão consequências desses enunciados e que, por se tratar de músicas populares, tomarão grandes proporções. Nesse contexto, não podemos abdicar da responsabilidade da nossa fala: “as definições linguísticas não podem ser completamente divorciadas das definições ideológicas, também elas não podem ser usadas para substituir uma à outra” (BAKHTIN, 2006, p. 135).

Sob esse viés, nossos discursos sempre estarão associados às nossas ideologias, à forma como vemos o mundo, como percebemos a sociedade ao nosso redor; não existe uma maneira de dissociarmos nossos discursos do nosso posicionamento social. Acerca desse ponto, Mendonça (2012, p. 112) afirma que:

O enunciado não refrata a realidade porque está carregado de valores, de ideologias num sentido “desencarnado”, mas ele refrata a realidade porque é uma compreensão dessa realidade por um sujeito, é resposta desse sujeito (o enunciado é ação sobre o mundo porque é resultado de compreensão responsiva de um sujeito).

Nessa perspectiva, nenhum enunciado pode ser analisado de forma neutra, as palavras são carregadas de diferentes sentidos. Quando compreendemos essa refração citada acima, significa que um mesmo enunciado poderá extrair distintas compreensões de seu público; construir diferentes representações sociais. Como nos é apresentado por Bakhtin (2006, p. 9),

O signo e a situação social estão indissolúvelmente ligados. Ora, todo signo é ideológico. Os sistemas semióticos servem para exprimir a ideologia e são, portanto, modelados por ela. A palavra é o signo ideológico por excelência [...] a “ideologia do cotidiano”, que se exprime na vida corrente, é o cadinho onde se formam e se renovam as ideologias constituídas. Se a língua é determinada pela ideologia, a consciência, portanto o pensamento, a “atividade mental”, que são condicionados pela linguagem, é modelada pela ideologia.

Como podemos perceber, a linguagem e a ideologia estão diretamente conectadas, ou seja, é impossível nos expressarmos de forma neutra. Cada enunciado emitido é carregado de ideologia; nossa visão de mundo está em constante mudança por meio de interações sociais mediadas pela linguagem.

Sob esse viés, é importante destacarmos o papel da representação da figura feminina nas letras musicais, pois é, de fato, uma representação social, em que uma verdade está sendo disseminada para milhares de pessoas, visto que, para quem escreve e canta, torna-se sua verdade, conseqüentemente, para quem está ouvindo, também pode vir a se tornar. Pires, ao citar Jodelet, afirma que:

As representações sociais são formas de conhecimento prático do senso comum, orientando (o conhecimento prático) para a compreensão do mundo e para a comunicação [...] as representações são sempre a referência de alguém para alguma coisa; têm uma natureza social e seus elementos ‘que estruturam a representação advêm de uma cultura comum e estes elementos são aqueles da linguagem’ (JODELET, 1984, p.365 apud PIRES, 1999, p. 2).

Desse modo, a linguagem tem um “superpoder”, pois é capaz de construir uma visão sobre determinado elemento social, no caso da nossa análise, a mulher. As músicas se tornam facilmente uma referência da figura feminina pela maneira com que estão espalhadas nos diferentes meios digitais e sociais, uma forma de construir uma cultura, uma maneira de ver a mulher, que, comumente, dá continuidade a uma visão machista e um tanto perigosa.

A linguagem, por ser essa fonte de representação social com a qual convivemos desde antes de aprendermos, de fato, a falar, reflete realidades diferentes e nem sempre são verdades absolutas, mas, ao atingir muitas pessoas, pode tornar-se uma verdade inabalável. Em vista disso, compreendemos que nem sempre os discursos contidos nessas letras musicais serão reais representações da mulher, porém essa visão representada nas letras musicais carrega parte de uma cultura que, em nosso país, é viva e gritante: a cultura do machismo.

O discurso é uma ferramenta social e os enunciados são a sua forma de comunicação com o mundo. Isso vai determinar a forma como o mundo te vê e como você vê o mundo, quais as perspectivas do falante, quais as percepções de quem recebe esse discurso, ou seja,

trata-se de um determinante social. Assim, letras musicais possivelmente carregarão em seus significados questões ideológicas, já que podem ser consideradas formas de representação social. Nesse contexto, é provável identificarmos algumas músicas que têm como tema a mulher vista ainda como um objeto, como um tipo de “acessório” - que apenas complementa a figura masculina -, como algo inferior.

Enunciados como os que compõem a música *Ajoelha e chora*, do grupo Tradição, são carregados de ideologias e visões de mundo, nesse caso específico, temos a questão regionalista, ou seja, parte da cultura gaúcha especificamente carrega e dissemina um discurso cristalizado do que é ser homem e do que é ser a mulher ideal. Esse discurso tem sido recentemente alvo de discussões uma vez que, atualmente, retratar a mulher como um objeto, um pedaço de carne, não é aceitável.

É inegável que o papel da mulher é inferiorizado nas mais distintas esferas sociais, não apenas na música; é histórico que a mulher seja representada apenas como um objeto de desejo sexual, carnal ou, ainda, apenas como a dona de casa que deve acatar as ordens de seu cônjuge. Isso põe em cheque uma luta que é de milhões de mulheres, pois nos leva a refletir sobre o porquê dessa representação seguir até os dias atuais.

Esses discursos hegemônicos são fundados numa sociedade predominante patriarcal, assim sendo, esses sentidos trazidos nas músicas são produtos de uma cultura machista, logo compreendemos que a mulher é retratada assim pois é vista assim pelos autores das canções e, possivelmente, pelo meio em que se encontram. De acordo com Geraldi (2008, p.154), “os discursos também são constringidos pelo já-dito, pelo pertencimento dos sujeitos a determinadas posições sociais e são marcados pelas instituições em que ocorrem”.

Nesse sentido, podemos compreender que os meio onde essas músicas são produzidas e difundidas influenciará diretamente na forma como ela é escrita. Geraldi (2008, p. 152) ainda afirma que “o discurso necessariamente coloca o sujeito em relação; os sentidos colocam necessariamente em relação elementos externos ao linguístico porque incluem a história, o já conhecido, mas também o acontecimento, o ‘aqui e agora’ da enunciação”.

É preciso então nos atentar para quais discursos da sociedade estão presentes no material eleito para análise, quais os sentidos impostos, quais as possíveis compreensões do mesmo, em qual contexto histórico foi produzido e qual seu impacto atualmente para a representação da mulher na música, que é um dos objetivos principais desse trabalho.

A música tem esse grande campo midiático em que vai refratar suas verdades, suas ideologias, o que facilita a construção de ideias de como a mulher é vista e representada em nossa sociedade. Pires (1999, p.3), ao se basear em Thompson (1990), afirma que:

Em todas as sociedades, as relações de dominação têm um caráter cultural e ideológico, particularizando relações de poder assimétricas e duráveis que conduzem a desigualdades, como aquelas baseadas em divisões de classes, etnias e gênero. Tais relações assimétricas estruturam instituições sociais e espaços de interação entre os indivíduos [...] são estimuladas, estabelecidas e mantidas pelas formas representativas que circulam no meio social, e que são principalmente difundidas pelos meios de comunicação de massas, sendo a expressão do senso comum.

Dessa forma, é preciso que existam sim maiores estudos acerca dos conteúdos veiculados em letras musicais, pois a eles terão acesso milhares de pessoas e principalmente crianças, que estão no início do seu desenvolvimento social, o qual ocorrerá durante toda a sua vida; cada contato com linguagens e ideologias moldará a forma de se ver o mundo em que se vive. Pires (1999, p. 4) salienta que “as marcas indenitárias atribuídas a cada sujeito nas representações da mídia são essenciais na elaboração daquilo que aprendemos e reconhecemos como determinada identidade [...] as representações midiáticas assimilam discursos, preconceitos e estereótipos já circulantes em nossa sociedade”.

Como Pires denota, toda e qualquer marca que a mídia imponha sobre a representação da mulher, que é o foco do nosso trabalho, irá ser fundamental para a forma como aprendemos a ver e a compreender o sujeito feminino. Desse modo, algumas letras musicais que circulam pelo nosso país são ferramentas de disseminação de estereótipos e preconceitos, muitas vezes, aceitos de forma natural em nossa sociedade.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para objeto de análise, selecionaram-se três músicas tendo por base os seguintes critérios: *temática sobre a mulher, conteúdo predominantemente machista, grande repercussão social, diferentes estilos musicais* (a fim de contemplar diversas instâncias sociais). As músicas escolhidas foram as que seguem: a) “Maria Chiquinha”, música sertaneja interpretada pela dupla de irmãos Sandy e Júnior, letra de Geysa Boscoli e Guilherme Figueiredo; b) “Se eu soltar o freio”, pagode lançado pelo cantor Péricles e composto por Carlos Caetano, Claudemir e Marquinho Índio; c) “Ajoelha e chora”, música interpretada pelo grupo Tradição (e demais grupos, como Tchê Garotos), cuja composição é de Luiz Claudio, Marquinhos Ulian e Sandro Coelho.

A análise foi baseada em algumas categorias de análise de texto propostas por Antunes (2010), a saber:

Quadro 1 – Categorias de análise textual.

<p>1. Universo de referência a) real ou fictício; b) campo discursivo; c) destinatários previstos; d) seleção vocabular.</p>
<p>2. Unidade temática a) tema e ideia central; b) vinculação do título ao núcleo central; c) critério de subdivisão em parágrafos (ideias construídas em cada parágrafo); d) síntese global de suas ideias ou informações; e) ideias principais e secundárias.</p>
<p>3. Progressão do tema a) esquema de progressão temática; b) recursos de articulação entre parágrafos.</p>
<p>4. Propósito comunicativo a) propósito ou intenção específica ou predominante; b) direção argumentativa assumida; c) representações, visões de mundo, crenças, concepções que o texto deixa passar.</p>

Fonte: Baseado em Antunes (2010).

Nessa perspectiva, consideramos em qual universo a letra musical está inserida, quais são seus destinatários, a seleção vocabular, o tema, a ideia central, a ligação do título da música ao núcleo central, os propósitos comunicativos, representações, visões de mundo, crenças e concepções que o texto deixa passar.

4 UM NOVO OLHAR SOBRE AS LETRAS MUSICAIS: ANÁLISE DO MATERIAL

Começamos com a música “Maria Chiquinha¹”, que nos apresenta como universo de referência um diálogo entre duas personagens, aparentemente um casal, que vivem no interior. A música apresenta um vocabulário representativo regional, ou seja, conseguimos perceber marcas na letra que nos remetem ao sertão, a pessoas de vivência interiorana, como nos exemplos que seguem: *Que c'ocê foi fazer no mato* (linha 1); *Era fia de Sá dona, Genaro meu bem* (linha 7) .

Considerando que a versão analisada da música era interpretada por duas crianças, sendo eles irmãos, a música acabava sendo destinada diretamente ao público infantil, e reproduzida em rádios e televisão com um grande alcance midiático considerando o ano de lançamento, que era 1991. A letra nos traz uma seleção vocabular voltada para o interior, como já citado anteriormente, o que nos remete a uma linguagem coloquial, sertaneja, inserindo-nos na temática da canção.

O tema da música é um diálogo entre um casal, em que *Genaro* (personagem que representa o marido) está questionando *Maria Chiquinha* (personagem que representa a esposa) de maneira a induzi-la a assumir uma possível traição. O título da música está diretamente ligado a uma das personagens principais, que é a própria *Maria Chiquinha*. À medida que o tema progride, o diálogo vai se intensificando de maneira a levar diretamente para o resultado que *Genaro* espera, ou seja, ele pressiona tanto a personagem *Maria Chiquinha*, tenta tirar a veracidade de suas respostas, para que chegue ao ponto de que sua esposa assuma uma traição por ele suposta.

Com relação ao propósito comunicativo, o texto nos traz uma visão de mundo machista e patriarcal, na qual temos um marido opressor que indaga sua esposa sobre onde estava e o que estava fazendo, chegando a um desfecho aterrorizante:

Então eu vou te cortar a cabeça, Maria Chiquinha
Então eu vou te cortar a cabeça
Que c'ocê vai fazer com o resto, Genaro meu bem?
Que c'ocê vai fazer com o resto?
O resto? Pode deixar que eu aproveito

Em uma só estrofe temos assassinato e necrofilia, poderia ser um exagero na análise? Poderia, porém, está em termos claros e diretos, ele irá *cortar a cabeça* dela e após feito isso irá *aproveitar o resto* (linhas 25-29), ou seja, tirando a cabeça, resta-nos o corpo. Tendo em

1 Anexo A.

vista o poder de alcance que essa canção teve em sua época, a ideia que a mesma perpassava para seus ouvintes era a de que a mulher deveria ser submissa ao marido e, indiferentemente de suas verdades, o que iria prevalecer era a do marido. Ademais, ao observarmos o contexto de apresentação da música, temos dois irmãos, duas crianças, que eram agenciadas possivelmente pelos seus pais, também artistas famosos na época, cantando uma música que é carregada de duplos sentidos, violência, opressão e até assassinato.

Tudo isso é conteúdo representativo que foi servido durante anos para crianças e jovens através de rádios, televisão e outros meios disponíveis na época, ou seja, temos aqui uma geração crescida e alimentada socialmente com o discurso de que a mulher deve satisfações ao homem, e que, em caso contrário, poderá arcar com as consequências, que vão desde a violência até a morte, terminando como é realmente vista na sociedade, apenas um corpo, que no final da música é o que será aproveitado.

A música “Se eu largar o freio²”, interpretada pelo cantor Péricles, leva-nos, assim como a música anterior, a um universo de referência real e assustador, pois a letra toda nos remete a um discurso machista, patriarcal e opressor, de um marido sobre sua esposa. O campo discursivo vincula-se a um núcleo social consideravelmente comum para o cenário brasileiro, possivelmente estamos falando de uma família de classe baixa, com poucos recursos, em que o homem trabalha e a mulher deve permanecer em casa cumprindo suas “obrigações” de esposa.

O tema central é a insatisfação do marido com o fato de sua esposa não estar cumprindo com as suas “obrigações”; o marido reclama que cumpre todos os seus deveres sociais enquanto marido, e só quer que sua esposa faça o mesmo. O título “*Se eu largar o freio*” pode ser interpretado como um ato de repressão. O dicionário nos apresenta diversos conceitos da palavra freio, um deles, segundo o dicionário Aulete *online*, é o que mais se encaixa na temática da música: “Peça de metal presa às rédeas da cavalgadura, que serve para guiá-la e controlá-la”, ou seja, reprimir. Então, o que aconteceria se ele soltasse o freio? A esposa veria do que ele era capaz, ou seja, uma clara ameaça à segurança da mulher.

A partir da progressão temática, é possível percebermos que o marido apresenta diversos fatores que justificam sua insatisfação e que põem sua esposa num papel de vilã, de péssima esposa, enquanto ele é apenas um marido trabalhador: *Vou de casa pro trabalho, Pago as contas, faço as compras* (linhas 1 e 8).

Os parágrafos da canção se articulam de forma a provar o ponto de vista do marido, através das representações de ações que ele faz em comparativo com as que ela não faz.

A música, no que diz respeito ao seu propósito comunicativo, tem a representação de mundo mais comum possível, que a mulher é um ser à parte, um acessório à figura masculina, que deve estar em casa, limpando, cozinhando, cuidando dos filhos e esperando seu marido, que é visto como provedor. Segundo a visão de mundo apresentada na letra, a mulher realmente é culpada, pois a música é a representação mais cruel e direta de uma sociedade patriarcal machista.

Cumpre-nos ressaltar que essa música fez parte da trilha sonora de uma novela de uma das maiores emissoras do Brasil, em horário nobre, ou seja, a mesma teve também um alcance social imenso. O que mais assusta, nesse contexto, é o fato da mesma ter ido ao ar no ano de 2015, período consideravelmente recente, em que um discurso assim não deveria mais ser aceito.

Assim, a música traz algumas partes que deixam claro a frustração do marido com a esposa, como o trecho a seguir:

A pia tá cheia de louça
O banheiro parece que é de botequim
A roupa toda amarrotada
E você nem parece que gosta de mim
A casa tá desarrumada
Nenhuma vassoura tu passa no chão
Meus dedos estão se colando
De tanta gordura que tem no fogão oh oh

A passagem retrata o que, a nosso ver, é o maior problema da música: fica claro que a insatisfação do marido vem do paradigma social de que a mulher deve ser submissa ao cônjuge, atender a todas as suas necessidades. O marido parece estar furioso pelo fato de ter uma esposa e não uma empregada. A letra ainda não nos deixa claro se a esposa, por exemplo, trabalha fora ou não, essa questão fica em aberto, o que nos leva a refletir que, mesmo que ela trabalhe fora, ele ainda espera que a mesma faça todas as tarefas domésticas.

Em outro trecho, o marido traz ameaças claras e diretas à esposa:

Se eu largar o freio, você não vai me ver mais
Se eu largar o freio, vai ver do que sou capaz
Se eu largar o freio, vai dizer que sou ruim
Se eu largar o freio, vai dar mais valor pra mim

O refrão como podemos notar, faz referência direta ao título. Aqui podemos analisar diversas ameaças à esposa: *se eu largar o freio*, que aqui lemos e interpretamos como uma forma de repressão, pode fazer uma analogia ao animal, cavalo ou égua, em que o freio é utilizado como ferramenta de comando e controle pelo dono, assim sendo, largar o freio seria como deixar o animal, descartá-lo.

Ademais, em *Se eu largar o freio, você vai ver do que eu sou capaz* (linhas 25 e 26), podemos refletir se a passagem está conversando com o verso acima, sobre ele abandonar a casa e ir embora, ou se é uma ameaça à integridade física da esposa, a sua capacidade física. Também, em *se eu largar o freio, vai dizer que sou ruim* (linhas 27 e 28), conseguimos visualizar uma conexão com a parte anterior, em que fica subentendido que o marido fará algo para atingir a companheira. E, por último, em *se eu largar, o freio vai dar mais valor pra mim* (linhas 29 e 30), concluímos que largar o freio, ver do que é capaz, dizer que ele é ruim, está diretamente ligado a uma forma de colocar sua esposa na “linha”, fazer com que ela faça suas atividades domésticas a fim de deixar o seu marido satisfeito. Soltar o freio entra como um corretivo, uma forma de fazer com que a esposa siga o *script* opressor do marido.

A música “Ajoelha e chora³” do grupo Tradição, banda tradicionalista gaúcha, já foi reinterpretada por inúmeros grupos musicais, dentre eles o mais famoso Tchê garotos. Novamente, a música nos traz para um cenário conhecido e infelizmente muito real, principalmente para região sul do país. Como nas músicas anteriores, o universo de referência é real, tendo como campo principal o discurso do marido sobre sua esposa. Essa música, destinada a tocar em eventos e meios regionalistas, foi, e ainda é, muito comum em festas e eventos do Sul do Brasil, e tem uma seleção de palavras que nos leva a acreditar que o marido é mesmo o mocinho da história, que fez tudo que pôde para agradar sua esposa, porém nada adiantou, até que resolveu tomar algumas atitudes: *De hoje em diante sempre que eu te chamar, Acho bom tu ajoelha e me trata com respeito* (linha 7 e 8).

O tema da canção, assim como as demais analisadas, é a insatisfação do marido com a conduta da esposa. O título nos remete ao refrão, em que o “*ajoelha e chora*” é visto como um castigo pela “*má conduta*” da esposa. A progressão do tema nos leva ao desfecho esperado pelo marido, em que suas atitudes são justificadas por um “*final feliz*”. Aqui encaixaria a ideia de que os fins justificam os meios, pois ele estava insatisfeito e infeliz com a sua relação com a esposa e, após aplicar determinados castigos, conseguiu atingir sua meta: uma esposa submissa e disposta a agradá-lo a todo custo.

Levando em conta o propósito comunicativo, a representação de visão de mundo é bem real para muitas pessoas que estão inseridas nesse universo regionalista gaúcho, pois, para muitos que vivem sobre os preceitos de “peão” e “prenda”, é comum e aceitável esse discurso e a disposição dos papéis sociais da figura masculina e feminina.

No primeiro parágrafo da música, temos a apresentação de fatos que colocam a personagem masculina enquanto vítima:

Tava cansado de me fazer de bonzinho
Te chamando de benzinho,
De amor e de patroa
Essa malvada me usava e me esnobava
E judiava muito da minha pessoa.

Ele estava *cansado de ser bonzinho, tratar sua esposa bem e não receber o mesmo tratamento de volta*, aqui tem o clichê das mesmas análises anteriores, todas as letras nos levam a entender a mulher como vilã, como mal-agradecida, enquanto o marido faz tudo certo.

À medida que o tema progride, a situação fica mais séria, ele cansa de ser um bom marido, cansa de não encontrar essa reciprocidade na sua esposa, toma o controle da relação, deixa claro que ele não aceitará outra posição por parte dela que não a de inferioridade. O refrão, assustador e repetitivo, leva-nos a crer que a mulher, quanto mais apanhar, mais irá gostar de seu marido:

Ajoelha e chora
Ajoelha e chora
Quanto mais eu passo o laço
Muito mais ela me adora

O refrão, extremamente perigoso socialmente, é repetido inúmeras vezes, a mulher ajoelha, a mulher chora, a mulher apanha, mas, no final, ela irá adorar o seu marido. Aqui entra a interpretação da palavra *adorar*, que é maior que amar, na verdade, segundo o dicionário Aulete *online*: “Prestar culto a divindade; ter por divindade.

Para concluir, o homem deixa claro que sua conduta é justificada, pois ele atingiu seu objetivo de domesticar sua esposa com fins de se satisfazer enquanto marido:

Mas o efeito do remédio que eu dei
Foi melhor do que pensei
Ela faz o que eu quiser.
Lava roupa, lava prato,
Cuida dos filhos

Anda nos trilhos
Tomo jeito essa mulher.

Faz cafuné,
Me abraça com carinho
Me chama de bezinho

O efeito do remédio que ele deu foi melhor que ele pensou, ou seja, a agressão a sua esposa fez com que ela atendesse a suas demandas, colocou-a numa posição de submissão. O homem opressor, machista e agressor atinge seus objetivos com o uso da força física, o que infelizmente faz parte da realidade social brasileira.

5 CONCLUSÃO

É interessante destacar que esse trabalho de pesquisa foi de extrema relevância para minha formação profissional e social, uma vez que permitiu entender mais a fundo esse universo de entretenimento tão popular socialmente que são as músicas, qual é o seu poder de modulação pessoal quando estamos falando de representação da figura da mulher.

Podemos observar, ao longo da realização desse trabalho, que a mulher é repetidamente representada por meio de estereótipos machistas e patriarcais, existindo dois papéis sociais preexistentes nos quais mulheres e homens devem se encaixar, sendo a mulher uma boa esposa, mãe e dona de casa fiel, enquanto o homem deve ser o chefe de família, provedor e protetor do lar.

Precisamos refletir e repensar essa representação da figura da mulher que é ouvida e reproduzida com tamanha naturalidade. É assustador que esses discursos machistas e consideravelmente perigosos passem despercebidos por nós, visto que, muitas vezes, dançamos e cantamos letras musicais que perpetuam discursos violentos e opressores, carregados de ideologias com as quais nem mesmo concordamos.

Para concluir, citamos Simone de Beauvoir (1949, p.25):

Na mulher há, no início, um conflito entre sua existência autônoma e seu “ser-outro”: ensinam-lhe que para agradar é preciso procurar agradar, fazer-se objeto; ela deve, portanto, renunciar à sua autonomia. Tratam-na como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade; fecha-se assim um círculo vicioso, pois quanto menos exercer sua liberdade para compreender, apreender e descobrir o mundo que a cerca, menos encontrará nele recursos, menos ousará afirmar-se como sujeito; se a encorajassem a isso, ela poderia manifestar a mesma exuberância viva, a mesma curiosidade, o mesmo espírito de iniciativa, a mesma ousadia que um menino”.

A mulher é condicionada pela sociedade a pensar e a agir como objeto; é oprimida pelos padrões machistas que a colocam em posição de submissão ao homem; tiram-na a liberdade de ser e de querer. Enquanto meninos são encorajados a serem líderes mundiais, empresários, atletas, médicos; mulheres são encorajadas a serem esposas, mães e donas de casa. A opressão começa, muitas vezes, dentro do ventre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, Linamar Teixeira. *Gênero: Uma construção do movimento feminista?* Universidade Estadual de Londrina. GT2-Gênero e Movimentos Sociais- 2011.
- ANTUNES, Irlandé. *Análise de Textos. Fundamentos e práticas.* São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal.* São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem.* 7.ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo.** A experiência vivida, volume 2; tradução Sérgio Milliet. - 3. ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo.** Fatos e mitos; tradução Sérgio Milliet. - 3. ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- DICIONÁRIO Aulete Online. Disponível em : < <http://www.aulete.com.br/>>. Acesso em 20 de abril. De 2019.
- GERALDI, João Wanderley. Texto e Discurso: Questões epistemológicas para a Linguística. In: FIGUEIREDO, Maria Flávia; MENDONÇA, Maria Célia; RODELLA, Vera Lúcia. *Sentidos em Movimento: identidade e argumentação.* Editora da Unifran, 2008, v.3, p. 149-158.
- INFOPEdia Dicionário online. Disponível em: < <https://www.infopedia.pt/>>. Acesso em 20 de março. De 2019.
- MILLET, K.. *Sexual politics.* London. 1969.
- MENDONÇA, M.C. Desafios metodológicos para os estudos bakhtinianos do discurso. In. GEGe – Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (orgs.). *Palavras e contrapalavras: enfrentando questões de metodologia bakhtiniana.* São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.
- PIRES, Vera Lúcia. A representação discursiva das subjetividades de gênero na mídia publicitária. *Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder*, Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008.
- _____. PRÁTICAS SOCIAIS DE GÊNERO MEDIADAS PELA LINGUAGEM E PELA CULTURA. In: 16º Congresso de Leitura do Brasil, 2008, Campinas. Anais do 16º COLE. Campinas - SP: Associação de Leitura do Brasil, 2007. p. 01-12
- PIRES, Vera Lúcia; FERRAZ, Marcia Maria Severo. Do machismo ao masculino: o vínculo das relações de gênero transformou o homem?. In: LUCENA, M. I. G.; OLIVEIRA, F. (Org.). *Representações do masculino: mídia, literatura e sociedade.* Campinas-SP: Alínea, 2008, v., p. 23-38.

ANEXO A

Ajoelha E Chora Tchê Garotos

- 1 Tava cansado de me fazer de bonzinho
- 2 Te chamando de benzinho de amor e de patroa
- 3 Esta malvada me usada e me esnobava
- 4 E judiava muita da minha pessoa
- 5 Endureci resolvi banca o machão
- 6 Ai ficou bem bom agora é do meu jeito
- 7 De hoje em diante sempre que eu te chamar
- 8 Acho bom tu ajoelha e me trata com respeito

Refrão:

- 9 Ajoelha e chora ajoelha e chora
- 10 Quanto mais eu passo laço muito mais ela me adora
- 11 Ajoelha e chora oi, ajoelha e chora
- 12 Quanto mais eu passo laço muito mais ela me adora

- 13 Mas o efeito do remédio que eu dei
- 14 Foi melhor do que eu pensei ela faz o que eu quiser
- 15 Me lava a roupa lava os pratos e cuida os filhos
- 16 Anda nos trilhos garrô preço essa muié
- 17 Faz cafuné me abraça com carinho
- 18 Me chama de docinho comecei me preocupar
- 19 Eu tô achando que esta mulher danada
- 20 Ficou mal acostumada e tá gostando de apanhar

Refrão:

- 21 Ajoelha e chora ajoelha e chora
- 22 Quanto mais eu passo laço muito mais ela me adora
- 23 Ajoelha e chora oi, ajoelha e chora
- 24 Quanto mais eu passo laço muito mais ela me adora

- 25 Mas o efeito do remédio que eu dei
- 26 Foi melhor do que eu pensei ela faz o que eu quiser
- 27 Me lava a roupa lava os pratos e cuida os filhos
- 28 Anda nos trilhos garrô preço essa muié
- 29 Faz cafuné me abraça com carinho
- 30 Me chama de docinho comecei me preocupar
- 31 Eu tô achando que esta mulher danada
- 32 Ficou mal acostumada e tá gostando

Refrão:

- 33 Ajoelha e chora ajoelha e chora
- 34 Quanto mais eu passo laço muito mais ela me adora
- 35 Ajoelha e chora oi, ajoelha e chora
- 36 Quanto mais eu passo laço muito mais ela me adora

Composição: Luiz Claudio / Marquinhos Ulian / Sandro Coelho

ANEXO B

Se Eu Largar o Freio

Péricles

1 Vou de casa pro trabalho
2 Do trabalho vou pra casa na moral
3 Sem zoeira, sem balada, sem marola
4 Sem mancada, eu tô legal

5 Faça sol ou faça chuva
6 O que eu faço pra você
7 Nunca tá bom
8 Pago as contas, faço as compras
9 Tudo bem, eu sei
10 É minha obrigação

11 Mas eu tenho
12 Reclamações a fazer
13 Mas eu tenho
14 Que conversar com você
15 A pia tá cheia de louça
16 O banheiro parece que é de botequim
17 A roupa toda amarrotada
18 E você nem parece que gosta de mim

19A casa tá desarrumada
20 E nem uma vassoura tu passa no chão
21 Meus dedos estão se colando
22 De tanta gordura que tem no fogão

23 Se eu largar o freio
24 Você não vai me ver mais
25 Se eu largar o freio
26 Vai ver do que sou capaz

27 Se eu largar o freio
28 Vai dizer que sou ruim
29 Se eu largar o freio
30 Vai dar mais valor pra mim
31 Paracundê, paracundê, paracundê ê ô
32 Paracundê, paracundê, paracundê ê a

Composição: Carlos Caetano / Claudemir / Marquinho Índio

ANEXO C

Maria Chiquinha
Sandy & Junior

- 1Que c'ocê foi fazer no mato, Maria Chiquinha?
- 2Que c'ocê foi fazer no mato?
- 3Eu precisava cortar lenha, Genaro meu bem
- 4Eu precisava cortar lenha
- 5Quem é que tava lá com você, Maria Chiquinha?
- 6Quem é que tava lá com você?
- 7Era fia de Sá dona, Genaro meu bem
- 8Era fia de Sá dona
- 9Eu nunca vi mulher de culote, Maria Chiquinha
- 10Eu nunca vi mulher de culote
- 11Era a saia dela amarrada nas perna, Genaro meu bem
- 12Era a saia dela amarrada nas perna
- 13Eu nunca vi mulher de bigode, Maria Chiquinha
- 14Eu nunca vi mulher de bigode
- 15Ela tava comendo jamelão, Genaro meu bem
- 16Ela tava comendo jamelão
- 17No mês de setembro não dá jamelão, Maria Chiquinha
- 18No mês de setembro não dá jamelão
- 19Foi uns que deu fora do tempo, Genaro meu bem
- 20Foi uns que deu fora do tempo
- 21Então vai buscar uns que eu quero ver, Maria Chiquinha
- 22Então vai buscar uns que eu quero ver
- 23Os passarinhos comeram tudo, Genaro meu bem
- 24Os passarinhos comeram tudo
- 25Então eu vou te cortar a cabeça, Maria Chiquinha
- 26Então eu vou te cortar a cabeça
- 27Que c'ocê vai fazer com o resto, Genaro meu bem?
- 28Que c'ocê vai fazer com o resto?
- 29O resto? Pode deixar que eu aproveito

Compositores: Geysa Boscoli / Guilherme Figueiredo